

A caravana

Tradução de Fernanda Scheeren

Certa vez, atravessava o deserto uma grande caravana. Na imensa planície, onde nada se via além de céu e areia, ouvia-se, a longa distância, os sinos dos camelos e os guizos prateados dos cavalos. Uma densa nuvem de poeira, que os antecedia, anunciava sua aproximação e, quando uma lufada de ar partia a nuvem, reluzentes armas e brilhantes roupagens ofuscavam o olhar. Assim aproximou-se da caravana um homem, cavalgando por um dos lados. Ele montava um belo cavalo árabe, no qual havia pendurada uma moqueta, uma tapeçaria de boa qualidade; de arreios escarlates pendiam pequenos guizos prateados e sobre a cabeça do cavalo balouçava um belo penacho. O cavaleiro tinha uma aparência imponente e seus trajes correspondiam ao esplendor de seu cavalo: cobria sua cabeça um turbante branco, ricamente bordado de ouro; o manto e as amplas calças eram de um vermelho flamejante. Ao seu lado, havia uma espada arqueada com um cabo ornamentado. Ele havia firmado o turbante no rosto, o que, além dos olhos que piscavam sob as espessas sobrancelhas e da longa barba que caía sob o nariz aquilino, lhe dava uma aparência selvagem e audaz.

Quando o cavaleiro estava a aproximadamente cinquenta passos da caravana, esporeou seu cavalo e logo chegou à frente do grupo. Era um acontecimento tão estranho ver um único cavaleiro atravessando o deserto, que os guardiões da caravana, temendo um assalto, estenderam contra ele suas lanças.

– O que quereis? – perguntou o cavaleiro, ao ver-se recebido de forma tão belicosa – Vós acreditais que um único homem assaltaria sua caravana?

Desconcertados, os guardiões baixaram as lanças, mas seu chefe cavalgou até o forasteiro e perguntou suas pretensões:

– Quem é o senhor da caravana? – perguntou o cavaleiro.

– Ela não pertence a um senhor – respondeu o questionado – mas sim a

vários mercadores que voltam de Meca para seus lares e que nós escoltamos pelo deserto, pois são frequentemente perturbados por todo tipo de malfeitor.

– Levai-me então até os mercadores – solicitou o forasteiro.

– Isso não pode acontecer agora – respondeu o líder – pois devemos seguir sem paradas e os mercadores estão a, no mínimo, quinze minutos daqui. Mas se quereis seguir adiante comigo, até acamparmos para o repouso da tarde, realizarei vossa vontade.

O forasteiro nada respondeu. Sacou um comprido cachimbo que amarrara na sela e começou a fumar em grandes baforadas, cavalgando junto ao condutor do grupo. Este, por sua vez, não sabia como agir com o forasteiro: não ousou perguntar seu nome, e, por mais que se esforçasse para puxar conversa, aquele respondia aos comentários de “Fumais um bom tabaco”, ou de “Vosso cavalo tem um bom passo” com um curto e simples “Sim, é verdade!”.

Finalmente, chegaram ao lugar onde pretendiam fazer uma pausa para descanso. O líder designou alguns de seus homens para a função de guardas. Ele mesmo parou com o forasteiro para deixar a caravana entrar. Trinta camelos, pesadamente carregados, passavam escoltados por guias armados. Atrás deles chegaram sobre belos cavalos os cinco mercadores aos quais pertencia a caravana. Eram, na maioria, homens de idade avançada, de aparência séria e sóbria, apenas um deles parecia muito mais jovem que os demais, e também mais alegre e mais animado. Um grande número de camelos e cavalos fechava o grupo.

As tendas foram armadas e os camelos e os cavalos foram dispostos à volta. Ao meio, havia uma grande tenda de seda azul. Foi para lá que o líder da guarda levou o forasteiro. Quando passaram pela cortina da tenda, avistaram os cinco mercadores sentados sobre almofadas douradas. Escravos negros estendiam-lhes pratos e bebidas.

– Quem trazeis a nós? – exclamou o jovem mercador ao líder.

Antes que o líder pudesse responder, falou o forasteiro:

– Chamo-me Selim Baruch e venho de Bagdá. Fui aprisionado por uma horda de ladrões em uma viagem a Meca e depois de três dias libertei-me do cativeiro, em segredo. O Grande Profeta fez-me ouvir, a longa distância, os sinos de vossa caravana, e foi assim que vim até vós. Permiti que eu possa viajar em vossa companhia! Não estareis dando vossa proteção a nenhum indigno e, assim que chegardes a Bagdá, recompensarei abundantemente vossa bondade, pois sou sobrinho do Grão Vizir.

O mais velho dos mercadores tomou a palavra:

– Selim Baruch – disse ele – sê bem-vindo em nossa sombra. Alegria-nos estar contigo. Mas não deixa de sentar e comer e beber conosco.

Selim Baruch sentou-se junto aos mercadores e comeu e bebeu com eles. Depois da refeição, os escravos retiraram a louça e trouxeram longos cachimbos e sorvete turco. Os mercadores mantiveram-se calados por longo tempo,

sopravam nuvens azuladas de fumaça e observavam como elas anelavam-se e espalhavam-se e, finalmente, dissipavam-se no ar. O jovem mercador rompeu, então, o silêncio:

– Assim estamos há três dias – disse – andando a cavalo e sentados à mesa, sem nada com que passar o tempo. Eu sinto um imenso enfado, pois estou habituado, após as refeições, a assistir a dançarinos ou a ouvir cantoria e música. Sabeis, meus amigos, de algum passatempo que possa nos distrair?

Os quatro velhos mercadores fumavam e pareciam meditar a respeito com seriedade, mas o forasteiro falou:

– Se me for permitido, gostaria de fazer-vos uma sugestão. Penso que, a cada acampamento, um de nós poderia contar uma história aos demais. Assim poderia o tempo passar.

– Selim Baruch, tu disseste a verdade – disse Achmet, o mais velho dos mercadores – permita-nos aceitar a sugestão.

– Alegria-me que a sugestão vos tenha agradado – disse Selim – e para que vós vejais que não proponho nenhum absurdo, serei eu o primeiro a narrar.

Alegres, os cinco mercadores se aproximaram e deixaram o forasteiro sentar-se no meio deles. Os escravos voltaram a encher os copos, colocaram tabaco fresco nos cachimbos de seus senhores e trouxeram o incandescente carvão em brasas para acendê-los. Selim refrescou sua garganta com uma bela porção de sorvete, ajeitou a longa barba para longe da boca e disse:

– Ouvi, então, a *história do Califa Cegonha*: